

COMUNIDADE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE ZYGMUNT BAUMAN

*Profa. Janine Barreira Leandro**

Resumo: Este artigo pretende expor a forma como o sociólogo polonês Zygmunt Bauman em sua obra *Comunidade* aborda a noção de comunidade nas sociedades contemporâneas, afirmando a impossibilidade de realização da definição clássica de sociabilidade comunitária em tempos de “Modernidade Líquida”. Primeiramente abordam-se as muitas definições do termo “comunidade” e a dificuldade de efetivar as definições na sociedade contemporânea fazendo-se, então, um paralelo entre comunidade e modernidade (aqui entendida como contemporaneidade). Conclui-se a argumentação refletindo o multiculturalismo como um fator de unidade, “uma luz no fim do túnel” que reacende a esperança, a utopia.

Palavras-chave: Bauman; Comunidade; Sociedade Contemporânea.

Abstract: This article intends to explain the way how the Pole sociologist Zygmunt Bauman, in his work “Community broaches the notion of community in contemporary societies, asserting the impossibility of coming true the classic definition of common sociability in times of “Liquid Modernity”. First one broaches many definitions of the term “community” and the difficulty of fulfilling the definitions in the contemporary society, making a comparison between community and modernity (hier understood as contemporarity) We conclude the argumentation considering the multiculturalism as a factor of unity, “a light in the end of the tunnel” that relights hope, utopy.

Keywords: Bauman; Community; Contemporary Society.

1. Comunidade: um termo e muitas definições:

A palavra “comunidade” pode ser usada para descrever vários tipos de grupos. Mesmo considerando o amplo leque de aplicações, a definição do termo tem passado, sobretudo, pela dimensão subjetiva.

Ao tentar definir o termo “Comunidade”, pode-se focar, inicialmente, a questão da territorialidade, e pode-se, também, associar o termo a um dos elementos que perpassam o viver comum, ou seja, ao sentimento de pertencimento; o sentimento coletivo de nós. Esse

sentimento propicia o estabelecimento de interconexões de comunicação, desde o mais primitivo momento histórico até a vida contemporânea.

De forma mais incisiva, pode-se afirmar que o sentimento de pertença e a existência de objetivos comuns são os alicerces para efetivar os elos entre os membros da comunidade, pois seria aquilo que matem as pessoas unidades a despeito de todos os fatores que poderiam separá-las. A dimensão subjetiva se coloca, assim, como mais significativa do que outras dimensões, como a da espacialidade, também inegavelmente associada à idéia de comunidade.

Na Sociologia Clássica, as concepções de comunidade destacam as relações de proximidade de território, relações de vizinhança e o sentimento de pertencimento a determinada coletividade. Essa noção de comunidade vem sendo ressignificada em decorrência das alterações ocorridas na dinâmica da sociedade.

O vínculo social mantido em um determinado espaço pode ser entendido como parte de uma comunidade, se esse vínculo se der a partir de alguma crença, etnia, tradição ou outra característica comum que una os que compartilham desse vínculo. À medida do avanço da sociedade na modernidade, os contextos em que se dão estes vínculos modificam-se. De uma sociedade feudal para uma sociedade de capitalismo avançado, muitos são os motivos para que as pessoas se unam organizadas socialmente segundo variados critérios. Consensos se formaram sobre o processo de modernização no século XX, de forma a retratar uma sociedade que se complexifica, se segmenta e, ao mesmo tempo, se concentra nas grandes cidades.

No novo cenário, definido pelas transformações nas tecnologias de produção, na comunicação, na informação e consumo, as pessoas e os objetos perdem o vínculo com seus territórios simbólicos e geográficos de origem. O processo de erosão das instituições normatizadoras e seguradoras traz consigo um novo arranjo de poder que submete o poder decisório local à dinâmica dos fluxos do capital global¹.

O avanço das discussões de Bauman está no fato de localizar na Revolução Industrial e na formação do Estado-nação o processo de desconstrução da idéia de comunidade, estabelecendo com esses novos

¹ Nos últimos dez anos, a organização social tem passado por mudanças políticas, econômicas e culturais que conduziram ao complexo e contraditório fenômeno da globalização. Integrada a uma produção e circulação de mercadorias em rápida escala, tem-se uma massa de excluídos e um crescente sentimento de impotência e de revolta.

processos sociais, resultados e ápices do projeto da modernidade uma relação causal com os dilemas com que nos confrontamos hoje uma vez que se proclama a autonomia econômica, política e simbólica, mas com a a perda de referenciais e o esgotamento de discursos legitimadores, somos intimados a nos “recolocar” numa cultura que não parece mais oferecer modelos identificatórios.

2. Comunidade e Modernidade

Comunidade e Modernidade têm em comum o fato de não poderem ser definidas em um só sentido. Zygmunt Bauman aborda a relação entre Modernidade e Comunidade, retomando um sentido de comunidade muito difundido segundo o qual a comunidade seria um agrupamento muito integrado e baseado em relações sociais duradouras e multiintegradas. E por modernidade entende que seria um tempo da sociedade ocidental com características tais como o individualismo, o consumismo, a ética hedonista e a fragmentação do tempo e do espaço.

A modernidade é fruto de uma longa gestação, num processo cuja primeira fase desdobrou-se entre os séculos XVI a XVIII, período das grandes navegações, da descoberta do Novo Mundo, do renascimento cultural e da Reforma Protestante, primeiro estímulo ao individualismo. O Iluminismo inaugurou a segunda etapa da modernidade, caracterizada pela universalização da razão e pelo primado do indivíduo e de sua liberdade.

A partir do século XX uma nova era, marcada por uma total ruptura com o passado, provoca mudanças fundamentais no terreno das relações sociais, da ciência, da filosofia, da educação, da moral e da economia. Ao mesmo tempo em que abandona crenças, tradições, valores e ideologias o homem vai se isolando e perdendo referências. Os elementos necessários à construção de uma identidade (e pertença) desaparecem tão rapidamente quanto a velocidade das trocas no mercado.

Pode-se, então, apontar o contraste entre as concepções de comunidade e modernidade evidenciados por Bauman ressaltando que na contemporaneidade a proximidade e o acolhimento das relações sociais comunitárias não seria mais realidade². A Modernidade impacta

² “O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluido e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofredores: antes os divide e os separa. As dores que causam aos indivíduos não se

profundamente as relações sociais, transformando a orientação para os interesses coletivos como algo desafiador, pois a Modernidade se põe no espaço social a partir da complexificação e segmentação o que estimula o individualismo. O humanismo da modernidade parece ser o de um fechar-se numa afirmação pura e simples de si mesmo e da própria realização como valor absoluto e inabalável.

A orientação para os interesses privados resulta em identidades não mais pautadas por comunidades fortes e compartilhadas; o individualismo se dá concomitantemente à perda dos significados emanados das relações sociais. As identidades são o esteio para que surjam comunidades, pois são o que justificaria a solidariedade social. Quando se considera que a Modernidade apresenta uma sociedade complexa, pode-se compreender também que essa complexidade cria novas formas de sociabilidade.

Se por um lado os vínculos sociais são ainda essenciais para a formação das identidades, por outro lado, dependendo do contexto, estes vínculos vão perdendo força na atribuição de sentido às ações sociais, pois se apresentam com uma pluralidade de categorias que moldam as identidades originando coletividades diversas que passam a conviver dividindo não só as sociedades em micro comunidades pretensamente inter-relacionadas, mas, também, os indivíduos encontram-se inseridos em diversas delas ao mesmo tempo, gerando, na Modernidade uma complexificação social maior.

Com o avanço nas novas tecnologias da comunicação, as relações sociais se dão já sem necessidades de referenciais especiais e/ou temporais, tornando-se possíveis por meio de vinculações simbólicas, ou seja, medidas por símbolos que criam sistemas abstratos de identidade, confiança e proximidade. É importante ressaltar que, as novas tecnologias da comunicação por outro lado, dificultam a unidade e a homogeneidade da comunidade, pois afeta seus mecanismos de proteção ao facilitar a comunicação entre o interior e o exterior abala e impossibilita o delineamento de fronteiras rígidas e compromete o

somam, não se acumulam nem condensam numa espécie de “causa comum” que possa ser adotada de maneira mais eficaz unindo as forças e agindo em unísono. A decadência da comunidade nesse sentido se perpetua; uma vez instalada, há cada vez menos estímulos para deter a desintegração dos laços humanos e para procurar meios de unir de novo o que foi rompido. A sina de indivíduos que lutam em solidão pode ser dolorosa e pouco atraente, mas firmes compromissos a atuar em conjunto parecem prometer mais perdas do que ganhos. Pode-se descobrir que as jangadas são feitas de mata-borrão só depois que a chance de salvação já tiver sido perdida” (Bauman, 2003, p.48))

estatuto original de comunidade ao fazer surgir acordos artificialmente construídos³.

Assim, a modernidade confere às relações sociais características que provêm da maior segmentação da sociedade e do individualismo. A negociação da identidade e a diversidade de identidades podem ser vistas possíveis e até freqüentes, o que denota que a modernidade investiu em maior liberdade; os indivíduos estão livres para escolher a identidade que melhor lhe convém.

O termo indivíduo refere-se aqui ao crescente processo de individualização descrito pelo autor. O desprendimento das redes de pertencimento social — incluindo aí a própria família — caminha em paralelo com o processo de individualização como característica central da constituição das novas subjetividades.

A cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, e o relacionamento eu-outro ganha ares mercantis, em que os frágeis laços têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagrado de ambas as partes. Privatizam-se não somente os “serviços” de cunho social (que na modernidade sólida eram direitos do cidadão), como as próprias parcerias humanas. Relacionamentos voláteis e fluidos remetem a uma sensação de leveza e descompromisso, que é muitas vezes associada à liberdade individual⁴.

Neste sentido, a comunidade embasada em um ideal de pureza é uma impossibilidade, pelos menos em seu sentido clássico. Por mais que os indivíduos se lancem na construção de sua identidade comunitária e por mais que imaginem terem obtido êxito, esta certeza será sempre

³ “O golpe mortal na “naturalidade” do entendimento comunitário foi desferido, porém, pelo advento da informática: a emancipação do fluxo de informação proveniente do transporte dos corpos. A partir do momento em que a informação passa a viajar independente de seus portadores, à numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte (como no tipo de sociedade que todos habitamos nos dias de hoje), a fronteira entre o “dentro” e o “fora” não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida” (Bauman, 2003).

⁴ “A ‘comunidade’, como uma forma de se referir à totalidade da população que habita um território soberano do Estado, parece cada vez mais destituída de substância. (...) A exposição dos indivíduos aos caprichos dos mercados de mão-de-obra e de mercadorias inspira e promove a divisão e não a unidade. Incentiva as atitudes competitivas, ao mesmo tempo em que rebaixa a colaboração e o trabalho em equipe à condição de estratégias temporárias que precisam ser suspensas ou concluídas no momento em que se esgotarem seus benefícios” (BAUMAN, 2007, pp.08-09)

provisória, pois a fixidez exigida pelo ideal de comunidade torna-se contraditória à sociabilidade construída atualmente⁵.

Conciliar esse individualismo com os interesses coletivos é um desafio para o mundo contemporâneo e, também, uma tarefa das mais difíceis, pois as instituições e valores do passado, elos que entrelaçavam os projetos individuais aos coletivos, são referências estranhas à fase líquida da modernidade, em que, cada um por si tenta capacitar-se para as incertezas do futuro.

3. Muitas culturas, uma humanidade? – O multiculturalismo

Mas, na contemporaneidade, ainda se encontra um sentimento de pertencimento comunal nas minorias étnicas, pois se percebe os limites entre os de fora e os de dentro quando tratamos de multiculturalismo, pois, de certa forma, a cultura é fator de unidade, representa uma nacionalidade compartilhada legitimando a união do grupo, mesmo que, para manter-se e reafirmar sua identidade, muitas vezes os grupos recorram ao exagero tornando-se conservadores e exclusivistas, adotando uma postura radical.

As diferenças culturais não devem ser objeto de afastamentos, mas de integrações – esta é a luz no fim de túnel de Bauman, compreendendo que há um diálogo possível e a troca entre as comunidades é uma possibilidade⁶.

Distanciando-se do pessimismo, Bauman nos desperta para o tipo de comunidade que poderá se realizar: “Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos” (2003, p.134)

⁵ “O novo individualismo, o enfraquecimento dos vínculos humanos e o definimento da solidariedade estão gravados num dos lados da moeda cuja outra face mostra os contornos nebulosos da ‘globalização negativa’. Em sua forma atual, puramente negativa, a globalização é um processo parasitário e predatório que se alimenta da energia sugada dos corpos dos Estados-nações e de seus sujeitos” (BAUMAN, 2007, p. 30)

⁶ “Em outras palavras, o reconhecimento da variedade cultural é o começo, e não o fim da questão; não passa de um ponto de partida de um longo e talvez tortuoso *processo político*, mas no limite benéfico (...) A segurança é uma condição necessária do diálogo entre culturas. Sem ela, há pouca chance de que as comunidades venham a abrir-se umas às outras e a manter uma conversa que venha a enriquecê-las e a estimular a humanidade de sua união. Com ela, as perspectivas da humanidade parecem brilhar” (Bauman, 2003)

O problema levantado pelo autor e deixado em nossas mãos é pensar a possibilidade teórico-prática de efetivar essa proposta frente à realidade, a que não estamos determinados, mas condicionados – ou seja, a viabilidade da utopia. Nada garante que a humanidade consiga encontrar um equilíbrio entre as exigências de felicidade individual e as exigências da vida comunitária e, nesse sentido, talvez o sonho de uma convivência menos trágica seja possível, porém, este sonho deve ser entendido mais como um horizonte do que com uma meta, pois há um longo caminho a se percorrer na luta entre existência e coexistência que se dá no contexto do capitalismo global.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- RUSS, Jaqueline. *Pensamento ético contemporâneo*. São Paulo: Paulus, 1999.

**Janine Barreira Leandro*

Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará
Professora do Instituto Teológico-Pastoral do Ceará